



LETRAMENTO POLÍTICO E MILITÂNCIA NA OCUPAÇÃO PAULO FREIRE EM BELO HORIZONTE

Maura Rodrigues Estevão¹

¹Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/ mauratual@hotmail.com

Resumo: *Este artigo objetiva apresentar a experiência de letramento de dois moradores da ocupação Paulo Freire, a partir da luta junto ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas – MLB, no processo formativo de letramento político e militância. Os moradores serão analisados a partir de uma entrevista e de informações disponibilizadas pelo movimento. Portanto mostrará a importância da formação política através da prática da militância.*

Palavras-chave: Letramento político, Ocupação, Militância, Movimento Social

1. Introdução:

Este artigo irá analisar o processo de letramento político dos moradores da ocupação urbana Paulo Freire, organizada em maio de 2015, pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, o MLB. Localizada na zona periurbana da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, a comunidade possui 146 famílias sem teto, oriundas de várias localidades do país, que junto ao movimento lutam por moradia digna. Será apresentado, resumidamente, o processo pelo qual esses moradores se desenvolveram no processo de aprendizagem, a partir do contato com o movimento desde a entrada na ocupação aos processos de regularização.

Através de uma entrevista pessoal subjetiva e das informações prestadas pelo movimento, este estudo irá analisar como a luta contribui para o letramento e a leitura de mundo a partir das mudanças de concepção política, social e cultural de dois moradores da ocupação. Para Kleiman:

[...] os eventos de letramento exigem a mobilização de diversos recursos e conhecimentos por parte dos participantes das atividades. Isso significa que alguns eventos de letramento voltados para a resolução de alguma meta da vida social criarão, sem dúvida alguma, inúmeras oportunidades de aprendizagem para os participantes, todas elas diferentes entre si, segundo as



diferenças existentes entre os indivíduos participantes. (2007, p.15)

O fato da comunidade ser bastante diversificada, traz também várias oportunidades de aprendizado. Cada família como um exemplo de vida, trazendo experiências de luta pessoal ou social, faz com que otimize a luta do coletivo. A Comunidade Paulo Freire tornou-se um espaço comum de vivências para os moradores, o que faz com que obrigatoriamente um tenha que dividir e respeitar as histórias um dos outros. Este aprendizado através da convivência coletiva contribui para que os moradores levem para o campo da militância mais firmeza e segurança nas participações de ações políticas.

2. A luta como ferramenta para o Letramento

Para Soares (2002), letramento é o “resultado da ação de ensinar e aprender práticas sociais de leitura e escrita”. Então, o conceito vai além da alfabetização, pois busca compreender o indivíduo em contato com diversos ambientes sociais e culturais e como usa e se desenvolve por meio da escrita e da leitura. Trata-se de relações transformadoras, pois o indivíduo que sabe ler e escrever se adapta com maior êxito às questões sociais, o que facilita sua interação em outros meios. Conseguir entender um simples enunciado, uma bula de remédio, uma receita de bolo, tudo isso faz parte do cotidiano de uma pessoa que passa pelo processo de letramento. Como pontua Soares:

[...] já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita e responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (2002, p.40)

Cada dia que passa o sujeito necessita interagir mais com a sociedade. A expressão “letramento” surge a partir de uma mudança de leitura do mundo, como Soares (2002) diz: “na língua aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova ideia, um novo fato, um novo objeto surgem, são inventados”, surgem



também várias situações, fatores sociais, culturais, políticos, que exigem da gente uma capacidade maior de leitura, de entendimento. Falar de acesso a outros gêneros de leitura e escrita é falar também do cotidiano dos sujeitos, da vida dos mesmos e as experiências que vivem, servindo de práticas para o desenvolvimento do letramento. Na ocupação Paulo Freire, o MLB oferece cursos de formação política para as famílias, dentro da conjuntura e das demandas específicas das lutas com temáticas voltadas aos interesses sociais dos moradores, às reivindicações, às manifestações, aos diálogos com o poder público que as famílias fazem em seus processos de lutas. Essas práticas servem de ferramenta para o letramento das famílias e podem ser entendidas no contexto que Soares (2002), diz sobre as “condições de letramento”, onde o “nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas”, associando que o letramento é uma condição de quem tem essas relações com outros meios, outras leituras e outras práticas de escrita. Para Kleiman:

“[...] – um evento de letramento – não se diferencia de outras situações da vida social: envolve uma atividade coletiva, com vários participantes que têm diferentes saberes e os mobilizam (em geral cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns.” (2007, p.5)

Segundo o MLB, a maioria dos moradores da ocupação Paulo Freire, nos primeiros meses, mostrou essa grande resistência à luta, porém, a partir do momento que começaram a participar das formações e das ações, observa-se que há uma compreensão maior, mais acertada, não perfeita, porém uma mudança bem clara nessas opiniões, depois que começaram. Os moradores têm se sentido mais inseridos, assim participam mais das lutas, opinando com propriedade, elaborando propostas, etc.

Foi elaborado um pequeno questionário com perguntas subjetivas para realizar as entrevistas com os dois moradores da ocupação Paulo Freire. Nos resultados abaixo



apresentados, os moradores serão representados pelas letras A e B.

A moradora A está na ocupação Paulo Freire desde sua organização e conta que antes de conhecer o movimento ela nunca havia pensado sobre política, não se interessava e não lia nada a respeito; diz que “quando ia votar, acabava decidindo na última hora seu candidato” e normalmente nem se lembrava dos nomes poucos meses depois. Nunca havia participado de atos e manifestações e nem entendia o sentido das ocupações. Assim que entrou na Paulo Freire, se tornou coordenadora da ocupação. Hoje essa moradora faz parte da coordenação estadual do movimento e ajuda a organizar vários trabalhos no Estado. Hoje ela ajuda na criação de uma biblioteca comunitária, que sempre foi um sonho, dentro da última ocupação organizada a fim de incentivar a leitura para as pessoas de lá e de todas as idades. Segundo a moradora:

“Gosto muito de participar das manifestações, já entendo muitos termos jurídicos relacionados à questão de reforma urbana, sempre quando tem uma formação eu participo e tenho somente ensino fundamental. Quando demora pra acontecer, eu cobro. Me sinto outra pessoa desde que eu entrei pra Paulo Freire e conheci o MLB. Agora tenho oportunidade de montar uma biblioteca, que sempre foi meu sonho.” (MORADOR A, 2017)

O morador B também está na ocupação Paulo Freire desde o início. Segundo ele, sempre se sentiu do MLB, porém não se sentia ainda em condições de fazer parte de coordenações, por se sentir inseguro de participar dos processos. Sempre participou dos atos e manifestações de rua, pois vê muita efetividade nestas ações. Depois de dois anos, resolveu fazer parte da coordenação da ocupação e para ele as formações têm tirado essa insegurança de participar dos diálogos e construir os informes para as famílias. Segundo o morador B:

“Gosto de participar das atividades do movimento, mas ainda não tenho tanto tempo para estar mais ativo. Acredito na luta por direito à terra, assim como meu pai me ensinou, porém só agora consigo entender muito mais esse processo e ainda quero atuar mais, participar dos estudos, da formação para saber agir nos diálogos com o Estado”. (MORADOR B, 2017)



Os dois moradores sempre ajudam na mobilização de mais famílias sem teto para lutar pela moradia digna. Ambos concordam que se trata de uma corrente, onde um impulsiona o outro.

O MLB parte do lema de que “enquanto houver uma pessoa sem teto, ainda serão todos sem teto”, a partir disso a moradora A, diz que “fica muito emocionada de ver que até os mais velhos vão para os atos animados e combativos”. Segundo ela isso mostra o quanto a luta pela reforma urbana é séria e eficaz.

A comunidade segue junto ao movimento e aos aliados pensando e realizando as formações dentro e fora da comunidade, despertando as famílias para a luta e contribuindo para o letramento político das mesmas.

3. Conclusão

Após essa pesquisa, conclui-se que a luta é sim uma ferramenta do letramento político e que ainda há muito mais sobre isso a ser pesquisado e explorado. A luta é esse complemento da alfabetização, que dá um aporte para a comunicação, a ação e as relações do sujeito com o mundo. Para que isso se desenvolva, essas práticas de letramentos precisam ser estimulada, que no caso desse artigo, foi impulsionada a partir da luta pela Reforma Urbana na figura do MLB.

Finalmente, a realização dessa pesquisa me fez entender a importância das relações sociais para o desenvolvimento do letramento de fato, ao passo que precisamos conviver e nos relacionar com todas as questões pertinentes à nossa sobrevivência e esse letramento que permeia essas relações nos dá tal condição. Nos formarmos enquanto cidadãos de direito e deveres é necessário e isso se dá através de vários



gêneros de leitura e escrita, inclusive a luta pratica.

Referências

KLEIMAN, Angela B. *Letramento e suas implicações para o ensino da linguagem materna*. Signo. Santa Cruz, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2017.

SOARES, Magda. *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Revista Brasileira de Educação. Jan/ Fev/ Mar/ Abr 2004. No 25.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2° ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002.